

Só depois vai se saber:

Patricia Leyack

Escuela Freudiana de Buenos Aires

A eficácia no nosso campo sempre será constatada a posteriori e por seus efeitos. Por isso, o título desse trabalho.

A intervenção eficaz não é planejada e participa, às vezes, do risco e da aposta. Depende em realidade do “manejo” da transferência¹, ao qual chama de “chave” e que depois especifica como certo *savoir y faire*² com aquilo que a temperatura transferencial propõe. Quero dizer, poder ser (adotar) em cada caso e em cada instante o semblante de objeto que o analisando requer. E isto sem garantias, às vezes como um salto no vazio.

Escrito isso, percebo que não é simples frase feita e sim que estou aludindo ao trabalho significante sobre a borda do furo do real. A eficácia dependerá de que a intervenção tenha podido morder um pedaço de real. E será verificada, não sem surpresa para ambos os polos da transferência, pelos efeitos sobre o gozo.

As neuroses de guerra levam à repetição do trauma e só a ferida corporal, nos diz Freud, protege, pela sobreinvestidura do corpo próprio afetado, da contração de doença. Aqueles que não tinham resultado feridos na guerra, sonhavam a repetição com o traumático das cenas vividas, sonhos que, postula Freud, tentavam ligar cargas, não eram ainda cumprimento de desejos.

Em melancolias neuróticas a eficácia pode resultar de uma intervenção que, à maneira de um espelho amável, levante a pesadez melancólica que tinge o fantasma. Freud chamou estas afecções de “neuroses traumáticas em tempos de paz”. Brillhante definição.

¹ J.J. Lacan “La dirección de la cura (...)” (A direção da cura) Em *Escritos I* Ed. Siglo XXI Editores S.A. 5°. Edição em espanhol, México 1977.

² J.J. Lacan “Seminario 24 L’insu (...)” (Seminário 24 L’insu (...)) EFBA para circulação interna, Buenos Aires, Argentina.

E nos indicou qual era o trauma na melancolia neurótica: a *Liebeversagung*, a recusa amorosa em tempos originários e a conseqüente frustração de amor no sujeito. O que instala um narcisismo avariado, com uma ferida de base que melancoliza o sujeito.

Minha comprovação clínica nesses casos é que o advento de uma intervenção que aponte ao eu, ao narcisismo e suas imagens, surgida ao calor do que está em jogo para o sujeito, pode provocar inesperados efeitos de eficácia subjetiva visto que desloca as imagens egóicas degradadas pela melancolia e oferece ao sujeito um espelho no qual se refletir com alguma conquista que restaura a devastada instância egóica.

São intervenções no imaginário que afetam o real do gozo.

Existe um efeito surpresa quando a intervenção surge da função semblante de *a*, do reinado do *a* no lugar do analista³, porque ele opera desde um não saber, ou pelo menos, desde um não saber egóico. É *a* posta em função do desejo de analista o que toma o mando sob a forma, às vezes, de um arriscar, de um apostar sem garantias. E que só a posteriori e por seus efeitos, poderemos localizar como um *savoir faire avec* a transferência

Aconteceu no momento da despedida. Me peguei dizendo a uma analisanda que em outros tempos da análise tinha escrito um muito bom livro de contos ficcionalizando sonhos perturbadores e que não tinha podido voltar a escrever, que a coordenadora da oficina literária com quem tinha trabalhado esse livro me tinha perguntado se ela continuava escrevendo porque, me tinha dito, escreve muito bem.

A analisanda se despediu profundamente comovida. E a pergunta recaiu no lugar do analista: que tinha feito?

Os surpreendentes efeitos benéficos não demoraram em se manifestar. Com o tempo, restabelecida, decidi fazer um stop na análise.

³ J.J. Lacan *Seminário 17 El reverso del psicoanálisis.* (*Seminário 17 A psicanálise ao avesso*) Ed. Paidós, Buenos Aires ano 1.999.

A pergunta é quão permanente pode ser, nessas graves perturbações do narcisismo, esse furo verdadeiro que a palavra do analista como reta infinita opera onde havia um falso furo⁴ a persistente captura no espelho do Outro, nesse caso.

Porque a redistribuição de gozo não dependeu do fato de que o sujeito tivesse transformado o *jouissance* em *j'ouïs-sense* como resposta a uma intervenção simbólica, senão que foi efeito de uma palavra, que com a força da transferência, amarrou de outro modo, o que habilitou o desejo onde antes primava a inibição.

Quero dizer que não se tratou aqui de um fim de análise, visto que não houve des-ser do analista. Não poderia haver por estrutura. Tornando mais exata a pergunta, é se podemos apostar a efeitos duradouros de uma desidentificação com um objeto ruinoso, mas sem queda da transferência.

Aliviada da pesadez melancólica, a analisanda pôde apostar a se virar sem análise. E isso como efeito de um artifício sinthomático na intervenção analítica que mostrou ser eficaz.

“Um viés prático para se sentir melhor”, assim definia Lacan o nosso ofício. E essa definição, em sua aparente simplicidade, parece feita sob medida para esta cura.

⁴ A partir do trabalho por Ilda Levin em “Símbolo y síntoma: ¿falso agujero? ¿agujero verdadero? Una lectura desde la clínica psicoanalítica” (“Símbolo e sintoma: falso furo? , furo verdadeiro? Uma leitura a partir da clínica psicanalítica”) Apresentado em colóquio de verão EFBA 2023 a partir do proposto por Lacan e Aula N° I de *El Seminario 23 El Sinthome (O Seminário 23 O Sinthome)*